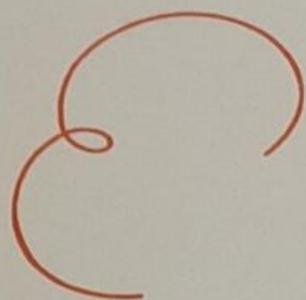


Espírito e Objectivos
da
Revisão da
Vida Operária



«EDIÇÕES JOC»
Campo de Santana, 43
LISBOA-1

R-
32827

B. N. L.
DEPOSITO LEGAL
243528 *15.XII.59

(SEPARATA DE «OPERARIOS IN MESSEM»
OUTUBRO, 1959)

Espírito e objectivos da **Revisão da Vida Operária**

Pelo

ASSISTENTE GERAL DA J.O.C.

Justificação da Revisão da Vida Operária

É conhecida a influência decisiva que a vida operária, através dos acontecimentos do dia a dia, exerce sobre os jovens trabalhadores. Essa vida é como uma teia que os envolve, aperta, penetra até os transformar interiormente e identificar consigo mesma. Teorias e princípios têm para eles pouco prestígio. A grande escola em que se formam e educam é a vida que vivem no meio de trabalho, no bairro, nos transportes, nos divertimentos e no ambiente familiar.

São os acontecimentos e as reacções do meio, as situações concretas e as atitudes pessoais, os casos do dia a dia que os levam a uma reflexão sobre os valores da vida e a tomar atitudes perante os problemas do mundo do trabalho. Através desta reflexão, mais ou menos consciente, e destas atitudes, os jovens trabalhadores e as jovens trabalhadoras vão estruturando a sua mentalidade e formando a sua personalidade.

E ao mesmo tempo que se formam «na» vida operária, formam-se também «para» a vida operária. Como jovens trabalhadoras exercem já uma acção e uma influência no meio; essa acção e influência hão-de alargar-se quando, depois, como adultos, assumirem mais decisivas responsabilidades nos destinos da classe trabalhadora.



Cada jovem trabalhador é, forçosamente, um autêntico educador da massa operária.

É sobre estes dados objectivos da realidade operária que a J. O. C. assenta a sua pedagogia; uma pedagogia viva, prática, activa, que pode assim formular-se: formação «na» e «para» a vida operária. «A formação jocista, resume Mons. Cardijn, é uma formação *a partir da vida*: ela supõe e exige o conhecimento e o contacto das realidades muito concretas da vida quotidiana dos jovens trabalhadores». Neste realismo está a melhor recomendação e a mais segura garantia do seu valor e da sua eficiência.

A formação jocista toma assim, necessariamente, duas dimensões: uma *vertical* enquanto forma o jovem trabalhador como pessoa e como filho de Deus; outra *horizontal* enquanto o forma como membro da classe trabalhadora e do Corpo Místico de Cristo. Educa-o como cristão, levando-o a descobrir e a viver em toda a sua plenitude a sua dignidade de filho de Deus; forma-o como apóstolo, ajudando a descobrir e a realizar a sua vocação apostólica.

Eis, em última análise, o objectivo desta formação «na» e «para» a vida operária.

* * *

Este mesmo método é válido e se aplica à formação do militante jocista. Também ele se forma não à margem da vida operária mas «na» e «para» a vida operária.

Efectivamente é na vida operária que o militante tem de dar um testemunho de Igreja e incarnar o Evangelho. O «reino de Deus» é, na definição do Senhor, um «fermento» que deve transformar todos os sectores da vida. Mas é precisamente pelo seu testemunho de caridade e pela sua acção que o militante leva este fermento à massa trabalhadora e à vida operária. O Evangelho só chegará a ser «fermento» na massa trabalhadora na medida em que o militante nela viver como Igreja e levar os outros jovens trabalhadores a viverem como Igreja.

Este é o mais fundamental objectivo da missão do militante jocista. De tal forma a sua actuação se identifica com esta «fermentação» do Evangelho que também ele se define com os mesmos termos com que o Mestre definiu o reino de Deus: «fermento na massa».

Através do seu testemunho autênticamente operário e plenamente cristão, o militante mostrará à massa tra-

balhadora que barreira alguma existe entre a Igreja e a vida operária, o que significa que pode ser-se operário e cristão ao mesmo tempo.

Ora tudo isto supõe, da parte do militante, uma reflexão constante à luz do Evangelho sobre a vida operária, ou, noutros termos: uma presença consciente. Essa reflexão, ao mesmo tempo que lhe revela o significado da vida operária, levá-lo-á a exercer uma influência cristã e apostólica sobre o mundo do trabalho.

O que é a Revisão da Vida Operária: seu espírito e objectivos

Esclareça-se, em primeiro lugar, que não estamos diante duma inovação ou dum desvio no método jocista tradicional. A terminologia será um pouco nova mas, na realidade, não se trata senão do método que a J. O. C. adoptou desde os seus inícios. É o «ver, julgar e agir» aplicado a um caso concreto ou a uma situação de facto da vida operária, isto é, da vida que os jovens trabalhadores vivem no meio de trabalho, nos divertimentos, na família. Quando muito a R. V. O. será uma técnica e um processo novos de realizar o método tradicional.

Pela R. V. O., procura-se descobrir e apreciar essa vida, em toda a sua verdade e dimensões, nos casos e situações em que ela se incarna e realiza. Desta descoberta e do juízo cristão que a acompanha, se parte para uma acção transformadora dessa mesma vida e de cada jovem trabalhador.

A R. V. O. não constitui, pois, uma novidade ou um acréscimo, mas é a J. O. C. na sua missão de «escola, serviço e corpo representativo», numa palavra, a J. O. C. em acção.

* * *

Rever significa ver outra vez, voltar a ver, ver de novo. A vida operária não é uma abstracção mas uma realidade vivida e incarnada em cada acontecimento, em cada caso, em cada reacção, em cada situação concreta que constitui o dia a dia. É em tudo isso que a vida operária aparece e se revela com todas as suas misérias e grandezas, com todas as suas aspirações e fracassos, com todas as suas injustiças e lutas.

O militante jocista, directamente ou através de referências, está em contacto com todos estes «factos» da vida operária. Descobre-os mas talvez não desça até dentro deles; fala deles mas não lhe entra na alma; conhece-os mas não toma consciência de todo o seu significado e das suas repercursões na vida dos jovens trabalhadores; numa palavra, «olha-os» mas não os «vê» em todas as suas dimensões.

A R. V. O. leva o militante a olhar mais atentamente para a vida operária, a situar-se dentro dela, a interessar-se mais vivamente pela massa dos jovens trabalhadores. Por uma análise pormenorizada e consciente, descobrem-se as causas e as consequências dos casos e situações concretas. Desta forma, o militante corrige-se da habitual superficialidade com que encara a vida operária, e adquire um conhecimento profundo e equilibrado dos problemas operários e das suas soluções.

Se outras razões não houvera, isto bastava para impor a R. V. O. como um processo altamente educativo. Ver de novo para ver mais consciente e profundamente — eis o mais imediato objectivo da R. V. O.

* * *

Mas ver de novo significa ainda ver a vida operária a uma nova luz: aquela que vem da fé. «Na tua luz, encontraremos a luz», canta o salmista (Salmo XXXV, 10).

O confronto entre a vida operária e as exigências da fé, leva o militante a descobrir o plano de Deus sobre as diversas situações dessa vida. Por esta nova visão — visão de fé — o militante passará a ver os acontecimentos da vida operária com os olhos de Cristo, a encará-los como Cristo, a julgá-los como Cristo. Coloca-se assim na perspectiva de Deus que lhe revela o significado religioso da vida operária e as suas repercursões no destino eterno dos jovens trabalhadores.

É à luz da fé, e não com critérios puramente temporais e terrenos, que ele julga os acontecimentos do mundo do trabalho. Na injustiça social, no ódio entre as classes, nas atitudes imorais, na opressão dos fracos, na indiferença dos pais em relação aos filhos, na promiscuidade da habitação e dos meios de trabalho, na injustiça dos salários... numa palavra, na «miséria imerecida» da classe trabalhadora, o militante descobre o pecado dos homens e dos «conjuntos», nas suas variadas manifesta-

O militante jocista, directamente ou através de referências, está em contacto com todos estes «factos» da vida operária. Descobre-os mas talvez não desça até dentro deles; fala deles mas não lhe entra na alma; conhece-os mas não toma consciência de todo o seu significado e das suas repercursões na vida dos jovens trabalhadores; numa palavra, «olha-os» mas não os «vê» em todas as suas dimensões.

A R. V. O. leva o militante a olhar mais atentamente para a vida operária, a situar-se dentro dela, a interessar-se mais vivamente pela massa dos jovens trabalhadores. Por uma análise pormenorizada e consciente, descobrem-se as causas e as consequências dos casos e situações concretas. Desta forma, o militante corrige-se da habitual superficialidade com que encara a vida operária, e adquire um conhecimento profundo e equilibrado dos problemas operários e das suas soluções.

Se outras razões não houvera, isto bastava para impor a R. V. O. como um processo altamente educativo. Ver de novo para ver mais consciente e profundamente — eis o mais imediato objectivo da R. V. O.

* * *

Mas ver de novo significa ainda ver a vida operária a uma nova luz: aquela que vem da fé. «Na tua luz, encontraremos a luz», canta o salmista (Salmo XXXV, 10).

O confronto entre a vida operária e as exigências da fé, leva o militante a descobrir o plano de Deus sobre as diversas situações dessa vida. Por esta nova visão — visão de fé — o militante passará a ver os acontecimentos da vida operária com os olhos de Cristo, a encará-los como Cristo, a julgá-los como Cristo. Coloca-se assim na perspectiva de Deus que lhe revela o significado religioso da vida operária e as suas repercursões no destino eterno dos jovens trabalhadores.

É à luz da fé, e não com critérios puramente temporais e terrenos, que ele julga os acontecimentos do mundo do trabalho. Na injustiça social, no ódio entre as classes, nas atitudes imorais, na opressão dos fracos, na indiferença dos pais em relação aos filhos, na promiscuidade da habitação e dos meios de trabalho, na injustiça dos salários... numa palavra, na «miséria imerecida» da classe trabalhadora, o militante descobre o pecado dos homens e dos «conjuntos», nas suas variadas manifesta-

ções. E a par de toda esta miséria, não lhe passará despercebido tudo o que, na vida operária, há de aspiração de justiça, de manifestação de solidariedade, de anseios de amor, de testemunhos de generosidade.

E isto é ver melhor porque é ver à luz de Deus.

* * *

Importa ainda desfazer um equívoco. A R. V. O., tomada no seu mais imediato significado, poderá sugerir que se trata apenas dum esforço intelectual e que tudo se termina no plano judicial do «ver e julgar». Se assim fora, a R. V. O. faria especulativos que constroem teorias mas nunca autênticos militantes.

Mas a R. V. O. é estruturalmente dinâmica: esclarece a inteligência, levando ao mesmo tempo os militantes à acção. E que a visão de fé, a que o militante é elevado, leva-o a uma atitude de fé e de acção, inspirada pela fé.

«Nós, porém, temos os sentimentos de Cristo» lembra o Apóstolo (I Cor. II, 16). Por esta atitude de fé, o militante, identificando os seus sentimentos com os de Jesus Cristo, participa da sua vontade e do seu desejo de remir as misérias dos homens. Esta atitude de fé transforma-se, por sua vez, numa atitude de caridade. «A fé opera pela caridade», lembra o Apóstolo (Gal. V, 6) ou numa tradução menos literal mas não menos expressiva: a fé entra em acção pela caridade.

Cada caso da R. V. O. toma o tom dum premente apelo a este espírito de caridade. Um militante que vive da caridade de Cristo e se sente solidário com a massa operária, não poderá ficar indiferente nem passivo perante as situações dolorosas que vai descobrindo através da R. V. O.. Não as enfrenta com desinteresse mas procura dar-lhes a solução que elas reclamam.

Por isso, a R. V. O. termina-se forçosamente num compromisso no qual o militante afirma a sua decisão de transformar a vida operária e transformar-se a si mesmo. Por este compromisso, o militante une-se interiormente à vontade salvadora de Cristo e entrega-se nas suas mãos como instrumento da redenção.

Dentro deste esquema e levada até às suas últimas consequências, a R. V. O. realiza a J. O. C. como escola de formação pessoal e apostólica em que os militantes realizam a sua transformação interior e a transformação

da vida operária. Através dela, o militante desperta para a consciência das suas responsabilidades educativas e apostólicas, isto é, forma-se como militante.

* * *

Há ainda uma incidência que importa sublinhar. A R. V. O. oferece, ao militante, um motivo cristão e apostólico da sua acção. Perante os acontecimentos da vida operária, ele não reage apenas como um homem de bom coração ou humanamente bem formado. As suas reacções inspiram-se na sua atitude de fé. Por isso ele lança-se na acção não apenas por um espírito de solidariedade de classe mas por motivos de ordem cristã e sobrenatural. «A caridade de Cristo nos impele» (II Cor. V, 14). É que a caridade de Cristo só é totalmente verdadeira quando se transforma em caridade dos nossos irmãos.

A acção do militante toma assim um sentido profundamente cristão e apostólico. Os motivos desta acção, ele os descobre no Evangelho, na Bíblia ou ainda na doutrina social da Igreja. Se defende um companheiro duma injustiça, se denuncia as condições desumanas do trabalho, se protesta contra a imoralidade das atitudes... é porque descobre no jovem trabalhador um filho de Deus.

Dentro deste espírito, a sua actuação jocista em ordem à solução das situações descobertas não é mais que a sua fé em acção.

* * *

A atitude de fé, para que o militante é despertado pela R. V. O., é já por si uma atitude de oração. Isto explica que a R. V. O. ponha o militante em autêntico estado de oração. O olhar que começou por descer até à vida operária, volta-se depois para Deus. A oração com que se termina a R. V. O. não é pura formalidade dum regulamento mas surge espontânea, necessária, sentida dum trabalho realizado em espírito de fé.

Como um fio de água que surgindo duma nascente se transforma em caudal, este espírito de fé, que animou desde o início a R. V. O., errompe em oração, que será umas vezes de louvor pelos valores descobertos — «Bendito sejas, ó Pai, porque revelastes estas coisas aos pequeninos» (Mat., XI, 25) — outras, de impetração de indulgência — «Pai perdoai-lhes porque não sabem o que fazem» (Luc., XXIII, 24) — outras ainda, de angústia e

comiseraração — «Tenho pena desta multidão» (Mar., VIII, 2) — outras, finalmente, de apelo à graça de Deus — «Confirma, Senhor, as coisas que realizastes em nós» como pede a liturgia.

Finalmente, a prece com que o militante acompanha o compromisso tomado no fim da R. V. O. assume um sentido profundamente teológico. Nela, o militante reconhece que não pode contar com as suas próprias forças e que sem a graça o seu trabalho será inútil: «Sem mim nada podeis fazer» (Jo., XV, 5). É toda a doutrina da graça vivida e incarnada na vida do militante.

Valor educativo da Revisão da Vida Operária

Depois do que deixamos dito sobre o espírito e as preocupações da R. V. O. não será difícil fazer o inventário dos apreciáveis benefícios e vantagens de tão sugestivo como fecundo método.

A R. V. O. realiza a escola integral de formação que a J. O. C. pretende ser, pois toma conta de todas as faculdades do militante — inteligência, vontade e coração — para as levar até ao mais possível extremo da sua valorização quer humana quer sobrenatural. Com o inevitável perigo duma repetição, ponhamos em evidência o valor pedagógico da R. V. O..

Meio de cultura operária. — Através da primeira parte da R. V. O., o militante vai descobrindo, lentamente mas sòlidamente, os problemas do mundo do trabalho e da condição operária. E este conhecimento é tanto mais objectivo quanto parte da realidade vivida em factos e situações concretas. Por outro lado, a atenção ao pormenor e a investigação das causas e das consequências dos factos colocam os problemas na sua total contextura, dando desta forma ao militante um conhecimento amplo e profundo que não é possível pela leitura do melhor livro.

Se o militante souber recolher os ensinamentos ao longo duma série de R. V. O., terá chegado a uma suma, a um autêntico compêndio de todos os problemas da vida operária e das soluções do Evangelho.

São conhecidos os desvios a que está sujeito quem

se entrega apaixonadamente ao estudo dos problemas operários. Cai-se insensivelmente num particularismo de perspectivas limitadas e até em certo pessimismo que inutiliza as melhores iniciativas. A R. V. O. defende o militante destes possíveis desvios colocando os problemas nas suas totais perspectivas e revelando os valores positivos que podem servir de ponto de partida para uma acção educadora humana e sobrenatural.

E não se trata apenas dum conhecimento de erudição que enriquece a memória do militante sem lhe desenvolver a inteligência. Se a verdadeira cultura não consiste em saber muitas coisas mas é, sobretudo, um estado de inteligência que, servindo-se da erudição, é capaz de bem raciocinar sobre os factos, a R. V. O. oferece ao militante o melhor meio de atingir uma autêntica cultura. Nela, ele aprende não só a conhecer os factos e os problemas mas a raciocinar sobre eles, a ligá-los entre si, a julgá-los à luz do mais seguro dos critérios e a procurar-lhes soluções oportunas e eficazes.

É indiscutível que todo este esforço intelectual, a que a R. V. O. obriga o militante, constitue um enriquecimento e uma valorização da inteligência pelos conhecimentos que lhe proporciona, e pela facilidade de bem pensar que desenvolve.

Além disso o perigo duma cultura abstracta, especulativa, teorizante é totalmente afastado porque o livro da R. V. O. é a própria vida operária, presente e incarnada nos casos do dia a dia. É uma cultura autênticamente operária, no seu conteúdo e na sua índole, aquela que se adquire na R. V. O.. Efectivamente, esta cultura nunca se desliga totalmente do concreto nem desenvolve no militante um espírito de especulação que o afasta das realidades da vida operária. Antes, ao contrário, partindo do concreto, leva o militante a soluções concretas, o que constitue um aspecto essencial da cultura operária.

Educação de sensibilidade. — Com extrema frequência, os acontecimentos da vida operária revelam a miséria da classe trabalhadora, uma miséria que grita e clama por vezes com acentos doloridos. A massa dos jovens trabalhadores passa indiferente diante desta miséria; talvez porque se habituou a ela; talvez porque se fecha num comodismo egoísta; talvez porque perdeu o sentido da solidariedade; talvez porque a sua sensibilidade se embotou com a dureza do trabalho... talvez um

pouco por tudo isto. E quantas vezes são os próprios jovens trabalhadores que com as suas atitudes e reacções provocam esta miséria ou, pelo menos, a tornam mais dolorida.

O militante jocista, também ele, está sujeito a ser arrastado por esta corrente de desinteresse e indiferença. A R. V. O. tem o exceocional mérito de levar o militante a reflectir sobre esta miséria, despertando-o ao mesmo tempo para uma inquietação redentora e para o desejo de ir ao encontro dos que sofrem. Desta forma, a R. V. O. educa a sensibilidade do militante, corrigindo-a dum possível endurecimento, e forma-lhe o coração, tornando-o sensível aos dolorosos problemas da vida operária. Leva-o a chorar com os que choram, e faz surgir nele o espírito do Bom Samaritano que se desentranha em doação de si mesmo.

Esta educação é tanto mais profunda e sobrenatural quanto a R. V. O. leva o militante a participar dos sentimentos do Coração de Cristo. «Tenho pena desta multidão» (Mar. VIII, 2). Às tendências duma sensibilidade humanamente bem formada, vêm juntar-se os impulsos da caridade de Cristo. Através desta caridade de Cristo, a sensibilidade enriquece-se, torna-se mais viva e profunda e eleva-se ao plano sobrenatural.

Cultura e formação religiosas. — A R. V. O. constitue uma autêntica catequese e um processo de formação religiosa. Através dela, o militante descobre o Evangelho com todas as suas exigências e descobre-o não como um erudito que faz dele um objecto de estudo mas como um cristão que nele encontra uma fonte de vida. Não há melhor conhecimento do Evangelho do que aquele que vem da vida.

Descoberto em plena vida operária, o Evangelho aparece ao militante não como um livro mas como uma resposta de vida para os problemas da vida operária. Esta descoberta, porque é o resultado dum confronto entre situações concretas e o Evangelho, indica inclusivamente como o Evangelho há-de incarnar na vida operária.

A R. V. O. torna-se assim num autêntico curso de teologia e um processo de conhecer as soluções da Igreja para os problemas do mundo de trabalho. Por ela, o militante chega a uma visão cristã dos problemas da vida e das suas soluções.

Lentamente vai-se também processando a sua for-

mação interior e espiritual. A R. V. O. exige dele, para além duma transformação do meio, uma transformação pessoal. Na realidade, o militante é o primeiro e o mais imediato beneficiado da R. V. O.. Tudo na R. V. O. tende a uni-lo a Cristo e fazê-lo participar dos sentimentos de Cristo.

Pode conhecer-se muito bem o Evangelho, saber-se muita teologia, dominar todos os ensinamentos da doutrina social da Igreja e estar-se longe de Deus, ser-se mesmo um ateu. Não faltam casos que o comprovam. Mas através da atitude de fé que a R. V. O. inspira, o militante vive intensamente aquilo em que acredita, e une-se intimamente a Cristo. Vê nos seus companheiros o próprio Cristo. «Aquilo que fizerdes a um dos meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes» (Mat. XXI, 35); descobre, sob os andrajos humanos ou sob a pressão da injustiça, um filho de Deus. Nem a acção o afasta de Cristo: antes o ajuda a identificar-se com Cristo: é a caridade de Cristo que anima: «O meu preceito é que vos ameis uns aos outros como eu vos amei» (Jo. XV, 12); tudo realiza com espírito de serviço: «Eu não vim para ser servido mas para servir» (Luc. XXII, 27); refere tudo, como Cristo, à glória de Deus: «Eu não busco a minha glória mas a glória daquele que me enviou» (Jo. VIII, 50).

Espírito de oração. — O militante jocista é, por vocação, um redentor dos seus irmãos. Já o era como membro do Corpo Místico. Mas o Senhor por um impulso do seu amor generoso quis acossá-lo mais intimamente à sua missão, chamando-o a colaborar com ele na obra da redenção. A cada militante jocista o Senhor repete o convite dirigido aos seus primeiros apóstolos: «Podeis beber do cálice que eu hei-de beber?» (Mar. X, 28).

Ora Jesus Cristo salvou os homens pela sua imolação na cruz e pelos sentimentos interiores de oblação, de reparação e de adoração. A acção do militante jocista terá um sentido e valor redentores na medida em que for acompanhada destes sentimentos interiores.

Isto significa que o militante é, por força da sua vocação, um homem de oração, ou com mais rigor, um homem que vive em estado permanente de oração. É isto o que o Mestre exige dos seus militantes: «Orai sempre e não cesseis de orar».

É evidente que a R. V. O. desperta o militante para este estado permanente de oração, levando-o, diante

das misérias ou dos valores descobertos, a levantar o seu coração para Deus. Desta forma, o militante vai adquirindo o hábito desta oração a partir da vida e, em contacto com as realidades operárias, ele pôr-se-á, à semelhança do que se verifica na R. V. O., em estado interior de oração. Passará a tomar diante de todos os acontecimentos uma atitude de fé o que é já, por si, um estado de oração.

Transformação pessoal. — As situações e os problemas descobertos na R. V. O. exigem do militante uma solução. Nenhuma R. V. O. pode terminar-se sem que o militante experimente a necessidade imperiosa de se transformar e transformar a vida operária. É este o objectivo dos compromissos que toma.

Mas o militante sentir-se-á, muitas vezes, incapaz de dar esta resposta, por vezes tão difícil e exigente, e de realizar esta transformação. Esta desproporção entre as exigências da sua missão e as suas limitadas possibilidades desperta no militante o desejo sério de se transformar interiormente. Reconhece que precisa de conhecer a doutrina da Igreja, de ser compreensivo e generoso, de actuar enèrgicamente e sem cobardias, de se interessar pelos seus irmãos e de se unir a Cristo.

Inicia-se assim um trabalho de auto-educação no sentido duma valorização de todas as faculdades. Este esforço de transformação interior é particularmente eficaz porque é eminentemente pessoal. Neste esforço de transformação, o militante apoia-se na confiança em si mesmo, como pessoa consciente e responsável e, sobretudo, na graça de Deus.

Este desejo de valorização põe o militante no caminho da ascese ou da renúncia de si mesmo e leva-o, se for aceite com todas as suas exigências, até à santidade. Pouco a pouco, a R. V. O. vai-lhe indicando os defeitos que tem a vencer e as virtudes que tem de conquistar para poder dar e, acima de tudo, ser uma resposta aos problemas da vida operária. A união com Cristo aparecer-lhe-á como uma condição da eficácia sobrenatural da sua acção e uma garantia da fidelidade à sua missão de apóstolo.

Espírito apostólico. — É este o mais manifesto resultado da R. V. O.. Pondo o militante em contacto consciente com a vida operária, a R. V. O. indica-lhe o terreno onde há-de erguer o reino de Deus. Porque é uma

presença da Igreja, o militante vai construindo, pelo seu testemunho de fé e de caridade, a Igreja nos seus meios de vida.

A visão de fé, a que vê os acontecimentos da vida operária, inspira-lhe atitudes duma fé activa que se traduz em acção educativa e apostólica. Por esta acção, o militante aproxima do reino de Deus a massa dos jovens trabalhadores enquanto a leva a viver da caridade e afasta os obstáculos que a impede de aceitar o Evangelho.

Tudo na R. V. O. conduz, em definitivo, a este objectivo: despertar o militante para uma acção apostólica e sustentá-lo nesta acção. Os motivos que a R. V. O. oferece à sua acção, motivos que se procuram no Evangelho, dá um sentido não só cristão mas ainda apostólico a toda a sua actuação. A R. V. O. não é, de forma alguma, um processo de fazer sociologia mas uma fecunda escola de apóstolos.

Espírito permanente de revisão.— A R. V. O. não pode ser de modo algum um formalismo ou um sistema de trabalho reservado a certas reuniões. Ela pretende, para além de tudo isto, despertar no militante um «espírito de permanente» de revisão. Um dos seus objectivos e resultados está em educar e preparar o militante para, diante de cada problema e situação da vida operária, fazer aquela revisão cristã e apostólica que o leva à acção.

Não esperará, por isso, o militante pela reunião para elaborar esta revisão. Há mesmo casos que exigem uma intervenção urgente e uma acção imediata do militante. Tirar-se-ia à R. V. O. parte do seu valor educativo se se fizesse dela apenas um processo de reuniões.

O que importa acima de tudo é que o militante adquira este hábito de «ver, julgar e agir» ou, noutros termos, de reagir sempre e em tudo como um apóstolo.

A Revisão da Vida Operária e a massa dos jovens trabalhadores

Até aqui apresentamos a R. V. O. como uma escola de formação dos militantes. Por isso, sempre falamos de militantes e se nos referimos à massa foi tomando-a como campo da actuação do militante. Isto pode indu-

zir-nos a uma atitude errada: aceitarmos a massa como qualquer coisa de passivo e como um substrato da J. O. C. e da R. V. O..

Nada mais falso nem mais distante da autêntica J. O. C.. Militante e massa não sois blocos incomunicáveis mas constituem como que uma única e quase indivisível realidade: a massa dos jovens trabalhadores animada e posta em acção interiormente por um elemento da mesma massa, a quem chamamos militante.

O que o militante descobre através da J. O. C., há-de levar a massa também a descobrir; o que o militante recebe na J. O. C., deve comunicá-lo à massa; o que é do militante, terá de ser igualmente da massa. Efectivamente a J. O. C. não é apenas «do» e «para» o militante, mas, através dele, é «da» e «para» a massa dos jovens trabalhadores.

Isto exige que a R. V. O. não seja tomada como um «mistério» reservado a iniciados mas como um espírito e um processo de formação que o militante há-de levar e estender a toda a massa dos jovens trabalhadores. Não é ele apenas mas todos os jovens trabalhadores que devem, através da R. V. O., reflectir sobre os seus problemas e serem levados a uma acção no sentido de lhes encontrarem uma resposta cristã.

E isto não é tão inviável e difícil como poderá parecer. Será com a maior naturalidade que o militante levará a massa dos jovens trabalhadores a esta revisão. Através dos seus contactos e dos comentários aos casos da vida operária, o militante ajudará os jovens trabalhadores a reflectirem e a procurarem as soluções oportunas. Levada assim até à massa, a R. V. O. será também, para ela, um princípio de transformação e de acção.

Espírito de equipa

A R. V. O. deve ser feita em espírito comunitário. Por mais íntimas e directas que sejam as suas relações com Cristo, o militante é também membro dum Corpo Místico em que há outros membros: «Membros de Cristo e membros uns dos outros» como lembra S. Paulo (I Cor., XII, 27).

A R. V. O. oferece aos militantes, numa forma mais imediata, esta solidariedade sobrenatural entre os membros deste Corpo. Tudo é posto em comum e tudo é rea-

lizado por todos de tal forma que todos se sintam ajudados e enriquecidos pelas experiências de todos.

Por este espírito comunitário, a R. V. O. torna-se uma autêntica Igreja em miniatura. Neste clima de equipa, o militante não se sente só e descobre a J. O. C. como um grande movimento de jovens trabalhadores e da Igreja. Caminha para Deus e constrói a J. O. C. com os outros, que são, com ele, membros do mesmo Corpo Místico.

Para manter este clima comunitário, são necessárias muita compreensão dos outros e uma vontade sincera de adaptação. Mas este esforço de compreensão e adaptação é, só por si, profundamente educativo e transformador.

Da Revisão da Vida Operária para uma ulterior formação

A R. V. O., assim já a definimos, é a J. O. C. em acção; mas, sublinhe-se, não é toda a J. O. C.. Não podemos aceitá-la como um termo mas como um ponto de partida. Já foi comparada a um motor de explosão que põe tudo em andamento.

Através da R. V. O., o militante descobrirá as deficiências da sua formação e as exigências pesadas da sua missão. Para superar essas deficiências, procurará os meios de desenvolver a sua cultura ou de se aperfeiçoar espiritualmente. Não pode contentar-se o militante com o que recebe na R. V. O.. É certamente alguma coisa mas não é tudo.

Da R. V. O. há-de sair sobretudo com uma inquietação do mais e do melhor. Procurará através de leituras, da frequência de cursos, de contactos com outros militantes e com o Assistente, elucidar-se sobre os assuntos e os problemas que na R. V. O. surgiram mas, como é natural, não encontraram um total esclarecimento.

Muitas vezes, a mesma R. V. O. há-de sugerir a organização de cursos, colecções e encontros em que os problemas sejam estudados com maior profundidade. Quere dizer: para além e partir da R. V. O. impõe-se uma sistematização de conhecimentos e uma intensificação da vida espiritual. Esta formação através de cursos e encontros não perderá, todavia, o sentido realista pois os temas e linhas de orientação são sugeridos pela R. V. O. que parte da vida real.

Exigências da Revisão da Vida Operária

Nem sempre a R. V. O. terá inspirado aos militantes e aos Assistentes uma confiança que leve a aceitá-la sem reservas. Não faltará até quem a minimize e lhe negue valor educativo e apostólico. Invocam-se certas deficiências para a recusar como inútil ou até prejudicial. Tais atitudes filiam-se certamente no desconhecimento das suas virtualidades formativas ou no fracasso de certos ensaios mal conduzidos.

Importa, por isso, que Assistentes e militantes revejam a sua posição em face da R. V. O.. Não se sustenta que a R. V. O. seja um método fácil ou que os militantes o tenham já compreendido suficientemente. A sua efectivação encontra reais dificuldades que importa ultrapassar. Mas as mais decisivas estão na resistência do nosso natural comodismo.

A R. V. O. não é cómoda nem para comodistas. Exige sem dúvida muito dos militantes e dos Assistentes: esforço de atenção à vida operária; atitude de fé e de oração; desejo de transformação própria e da massa dos jovens trabalhadores; espírito de equipa que supõe simplicidade e humildade. Mas é nestas exigências que está o sinal e a garantia do seu valor pedagógico e apostólico. Se a R. V. O. exigisse pouco, se não perturbasse interiormente os militantes, se não levasse a um esforço pessoal, então, em nada ajudaria os militantes a realizarem a sua vocação e missão.

Não a apresentamos como uma fórmula mágica de efeitos miraculosos mas não podemos deixar de reconhecer o seu real valor. Tenha-se, porém, presente que a sua eficiência depende, em grande parte, da nossa colaboração e das nossas disposições interiores. Nenhum processo de formação e de acção, por mais eficaz que seja, é capaz de resistir a um clima de descrédito e pessimismo.

Se soubermos realizar a R. V. O. com confiança e com a preocupação de aproveitar a sua força educativa e apostólica, veremos, certamente, surgir autênticos militantes jocistas e teremos aqueles educadores e apóstolos de que a Igreja e a juventude trabalhadora têm urgente necessidade.

